

O existencialismo em *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway: angústia, desamparo e desespero

The existentialism in *The Old Man and the Sea*, by Ernest Hemingway:
anguish, helplessness and desperation

Maria Eugênia Curado*, Gabriel José da Silva Neto*

*Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: A obra *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, é mundialmente conhecida, vencendo o prêmio Pulitzer em 1953 e o Nobel em Literatura em 1954. É uma das obras mais importantes do autor e da literatura mundial pois retrata o relato ficcional de Santiago, um velho pescador que há oitenta e quatro dias não pesca um peixe, quando finalmente consegue fisgar um grande peixe, inicia-se um conflito interno e externo entre a sorte e a necessidade de pescar para sobreviver. O romance é, por muitos, considerado uma alegoria e assim traz significados que podem repercutir em nossa vida particular. O presente trabalho almejou estudar a obra *O velho e o mar* sob uma perspectiva existencialista, admitindo que se trata de uma alegoria que representa os conceitos existencialistas de angústia, desamparo e desespero, propostos por Jean-Paul Sartre em sua obra *O Existencialismo é um Humanismo*. Portanto, trata-se de uma crítica literária que busca abordar os conceitos existencialistas a partir da obra analisada. Santiago representa, para o existencialismo, um herói pois determina sua essência a partir de escolhas livres, autônomas, e mesmo com a derrota iminente, permanece convicto de que é o autor da própria história, da própria essência.

Palavras-chave: Existencialismo. Humanismo. Ernest Hemingway.

Abstract: The book *The Old Man and the Sea*, by Ernest Hemingway, is worldwide known, winning the Pulitzer prize in 1953 and the Nobel of Literature in 1954. It is one of the most important works of the author and of world's literature because portrays the story of Santiago, an old fisherman who for eighty-four days has not caught a single fish; when finally get hook a big fish, starts an intern and extern conflict between the lucky and the need of fish for survive. The romance is, for many, considered it an allegory and then brings meanings that can resonate in our life. The present paper longed for study the book *The Old Man and the Sea* under an existentialist perspective, allowing that it treats itself of an allegory which presents the existentialists concepts of anguish, helplessness and desperation, which were proposed by Jean-Paul Sartre in his book *The Existentialism is an Humanism*. Therefore, this paper is a literary criticism which look approach the existentialists concepts inserted in the analyzed book. Santiago presents, for existentialism, a hero because determines his essence by his free, autonomous choices, and even with the imminent defeat, stays convinced that he is the author of his own history, of his own essence.

Keywords: Existentialism. Humanism. Ernest Hemingway.

Introdução

O velho e o mar é uma das obras mais importantes de Ernest Hemingway, tendo lhe rendido os prêmios Pulitzer em 1953 e o Nobel de Literatura em 1954, ficando registrada, sem dúvida, como uma das obras mais emblemáticas da modernidade. Seu gênero textual é o da narrativa ficcional, também classificado como alegoria. O presente trabalho busca apresentar uma reflexão da obra à luz do existencialismo, principalmente dentro dos estudos de Jean-Paul Sartre, procurando abordar dentro do texto – uma vez assumido que trata-se de uma alegoria – os conceitos de angústia, desamparo e desespero, que para Sartre, constituem parcela importante da visão existencialista da vida humana.

Para tanto, inicialmente realizaremos uma breve sinopse do texto, buscando retomar a narrativa ao leitor e, assim, introduzir a análise tema a tema dos conceitos existencialistas de angústia, desamparo e desespero, assumindo que tais conceitos estão presentes de maneira muito evidente no texto de Hemingway e assim, buscamos demonstrar que a obra *O velho e o mar* é uma alegoria existencialista da vida humana e da luta constante do homem contra sua natureza e sua liberdade absoluta que o põe dia após dia como protagonista e autor de sua própria vida.

1 Sinopse da obra

Trata-se de um curto romance de cerca de 130 páginas¹ que conta a história de Santiago, um velho e experiente pescador cubano que pescava sozinho na Corrente do Golfo, região marítima compreendida entre o litoral da Flórida, nos Estados Unidos, e o litoral norte de Cuba. No romance há um garoto – Manolin – que, conforme indica o relato, auxiliou Santiago por algum período, mas a família do garoto o proibiu de sair para pescar com o velho Santiago já que o velho enfrentava um período de “má sorte” na pesca e já estava há oitenta e quatro dias sem apanhar um peixe sequer.

Apesar da ordem de seus familiares, Manolin amava Santiago e sempre procurava motivá-lo e ajudá-lo, à medida do possível, providenciando iscas, organizando os carretéis de linhas e organizando a tralha de pesca. Como o velho enfrentava um período de escassa pescaria e vivia em condições muito pobres, o garoto sempre lhe arrumava o que comer por jantar, mesmo que fosse apenas uma xícara de café.

No octogésimo quinto dia o velho Santiago sai para pescar normalmente, Manolin

¹ 78ª edição da Bertrand Brasil.

insiste várias vezes para que o velho lhe aceite nessa viagem, entretanto, Santiago sente que não pode levar o garoto contra as ordens dos pais e decide ir sozinho. Saiu remando logo, e escolheu se afastar da costa procurando as águas calmas, mas também perigosas do mar aberto. Como pescador experiente que era, sabia navegar por aquela região com segurança e estava certo de que grandes peixes por ali habitavam. Nunca havia ficado tanto tempo sem pescar um peixe, mas aquele dia lhe parecia indicar que algo diferente estava para acontecer.

Após algumas horas já em mar aberto Santiago sente uma fígada que, apesar de fraca e quase imperceptível, aguça seus sentidos de experiente pescador apontando que um grande peixe está rondando seu anzol. Logo o grande animal morde a isca e assim, sentindo a dor do anzol lhe perfurar, começa a empreender um nado sereno, mas obstinado em direção ao centro do golfo. Santiago é experiente e conhece suas limitações e sabe também que caso o peixe se agite demais, poderá partir a linha, quebrar o anzol ou até mesmo arrastar Santiago e sua embarcação para as águas profundas. Assim, Santiago aguarda pronto, mas pacientemente que o peixe já cansado suba à superfície e assim possa ser atingido pelo arpão e finalmente morto.

A espera de Santiago é longa, seu corpo velho e cansado sofre as dores da posição desconfortável que precisa assumir para deixar a linha tensionada o suficiente para sentir o peixe, mas não tão tensionada que se parta. Sua mão direita (mão predominante) sangra por conta da tensão da linha. Sente fraqueza, apesar de não sentir fome e enquanto espera, come pequenos peixes que consegue pescar com iscas e linhas mais simples. Santiago sabe que a qualquer momento o peixe pode subir à tona e assim ele precisará estar pronto para lutar contra a força daquele animal. Ele Santiago, apenas ele, contra o grande e pesado peixe que agora está preso em seu anzol.

Após duas noites de espera, finalmente o peixe sobe à tona e em seu primeiro salto surpreende o velho pescador. É um enorme espadarte (peixe espada), qual tamanho e robustez nunca fora visto por Santiago e suspeita-se que por ninguém daquela região. Santiago logo compreende que terá uma luta severa, mas sabe que pode vencer o peixe se usar sua experiência. Após alguns saltos e manobras do peixe, Santiago finalmente consegue cravar-lhe o arpão, e não passado muito tempo o enorme peixe já está morto e amarrado à embarcação de Santiago que imediatamente inicia seu retorno para casa.

Os ventos e a maré ajudam e a embarcação vai bem, tudo se passa corretamente e na mais tranquila paz até que Santiago é surpreendido pela presença de dois tubarões que vêm lhe saquear o peixe. Apesar de não conseguir livrar o grande peixe de algumas mordidas, o velho logo consegue espantar os tubarões, mas agora um grande rastro de sangue que sai do peixe mordido pelos tubarões acompanha a embarcação, atraindo mais e mais tubarões.

O velho Santiago luta com todas as suas forças para reprimir os ataques, espantar os tubarões e, se possível, matá-los evitando que retornem, mas suas ferramentas são inadequadas para esse tipo de combate, são frágeis demais para aguentar as pancadas que desfere contra os tubarões e logo o velho se vê tendo apenas o mastro de sua embarcação como arma que o defenderá e também defenderá sua pesca. Mas os ataques são muitos e com uma força que superam a experiência do velho. No fim do dia, já se aproximando de seu povoado, o velho exausto não consegue mais lutar contra os ataques, mas também não precisa mais lutar, visto que toda a carne do seu peixe fora arrancada pelos tubarões.

Esgotado, abatido, derrotado, o velho puxa seu barco para a praia e deixa-se cair ali após quatro dias no mar. No dia seguinte o grande esqueleto do peixe assombra até mesmo os mais experientes pescadores, nunca haviam visto tamanho peixe. Quanta carne boa não daria? O velho Santiago dorme já sem esperança e derrotado, pois, após tanta luta não conseguiu usufruir de seu peixe pois lhe restaram apenas os ossos. Assim termina o romance.

2 O Existencialismo e o homem como centro de sua existência

Sartre (1970), em seu texto *O Existencialismo é um Humanismo*, procura descrever aos seus críticos os principais conceitos do existencialismo posicionando o homem indivíduo como o protagonista e escritor de sua própria história, sendo que sua liberdade – que é ilimitada – determinará suas escolhas que, por sua vez, determinarão a essência do homem, ou seja: aquilo que ele é e aquilo que há de ser.

Ao contrário das coisas criadas, que são criadas com uma finalidade e essa finalidade determina seu processo de criação e assim sua essência, o homem surge sem qualquer finalidade, vazio. Portanto, em sua origem, o homem não é nada. Sua existência, marcada por suas escolhas, é o que determinará e constituirá a essência do homem.

No caso das coisas criadas, a essência precede a existência, pois tudo o que existe, existe para e com uma finalidade. Sartre (1970) observa que não é possível criar determinado objeto sem saber para que ele servirá após criado; se precisamos de um objeto que corte, criaremos um objeto com características físicas e estéticas adaptadas ao corte, isto é: será achatado em uma das extremidades de tal forma que forme um fio, esse fio será tão fino que será capaz de romper superfícies, cortá-las.

Já no caso do homem tal operação não ocorre desta maneira. O homem não é um objeto criado com uma finalidade, portanto, em sua origem o homem não possui essência, é esvaziado de natureza, isento de finalidade; o homem não é nada. Neste caso, a existência precede a essência. Uma vez que surge sem qualquer finalidade, nada o vincula, nenhuma

amarra lhe prende, tudo lhe é permitido, tudo lhe é possível; a liberdade é a premissa maior da existência do homem. Os objetos, por serem criados com uma finalidade específica, não podem escolher abandonar sua finalidade original para atender a outra finalidade; acaso pode uma faca desistir de ser uma faca e querer ser um martelo? Obviamente que não. Por isso, o homem, originado sem finalidades, não está amarrado e nem vinculado a nada e assim pode determinar para si mesmo a finalidade que orientará sua vida: aí reside sua superioridade em relação às demais coisas.

Entretanto tal liberdade tem um preço, ou melhor, um peso que é o de determinar o próprio futuro sem escusas, sem ninguém que o auxilie, sem nada atribuir a culpa da falha ou do acerto senão tão somente a si próprio. E mais, as escolhas exercidas pelos indivíduos refletem impactos não somente para suas próprias vidas, mas para toda a humanidade à medida que reforçam valores, hábitos, costumes e princípios. Para Sartre (1970, p. 5),

[...] o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.

Muitos acusam o existencialismo de pessimismo, tendo em vista que não há espaço para culpar o outro, para culpar a Deus ou culpar o acaso: a essência do homem, aquilo que ele é, o *Dasein*² é o resultado daquilo que ele, o próprio homem, determina e escolhe para sua vida. Para Sartre (1970) tal liberdade para autodeterminação representa, antes de tudo, o mais evidente sinal de otimismo pois a formação de nossa essência não depende de nada nem ninguém, somos nós os responsáveis por isso, portanto: nós somos os autores de nossa própria história e nela escreveremos o que quisermos, ninguém escreverá para nós o que devemos ser ou fazer, apenas nós.

Como uma história, cada nova página é uma página em branco, que admitirá tudo o que o autor quiser colocar. Mudar o rumo da história, matar um personagem, reviver outro; tudo é possível, mas a cada nova página há a necessidade de reafirmar o sentido da história para que ao final do texto o relato seja conciso. A existência humana também ocorre desta maneira, a cada momento somos compelidos a reafirmar nossa essência; temos a oportunidade de constantemente alterá-la, reescrevê-la, dar-lhe um novo e diferente rumo, ou mantê-la como está, portanto, diariamente, minuto a minuto, o homem busca através de suas escolhas construir, afirmar e reafirmar sua essência.

A obra de Hemingway, *O velho e o mar*, é uma perfeita alegoria da vida humana

² Cf. Heidegger, 2017.

na perspectiva existencialista, pois mostra o homem (Santiago) lutando sozinho, sem qualquer auxílio, contra si e contra a própria vida, buscando consumir e reafirmar sua essência que é a de ser um pescador.

Por ser uma alegoria (e compreendemos que assim o seja) cada elemento da obra possui um sentido figurado que tem aplicação para nossa própria vida, o que não impede que também a aplicação de uma perspectiva literal. Santiago representa qualquer indivíduo que existe e busca constantemente sua essência. Apesar de ser um exímio pescador já calejado pelos anos gastos no mar, Santiago enfrenta uma crise de 84 dias sem pescar nada, o que coloca em risco sua essência de pescador. Seria Santiago um mau pescador? Sem dúvida que não, porque o relato deixa claro que Santiago é um excelente pescador. Mas então, será que havia se tornado menos pescador, menos hábil, menos sortudo? Talvez sim, talvez não; fato é que Santiago precisava pescar. Precisava pescar para sobreviver, mas sobretudo para provar para si mesmo que ainda sabia pescar, que ainda era capaz de pescar, ou seja: que ainda era um pescador.

Assim como Santiago, todos temos uma essência que procuramos afirmá-la constantemente, buscando provar para nós mesmos que ainda somos aquilo que somos e procuramos ser, que a “sorte” não nos abandonou, que não nos desintegramos, que não perdemos nossa essência. As nossas escolhas é que nos levarão à esse processo de legitimação de nossa essência, assim como Santiago escolhia dia após dia sair para pescar – mesmo enfrentando um período escasso e desanimador – assim também agimos procurando em nossas escolhas determinar um rumo para nossa vida e legitimar a essência que escolhemos para nós.

Para Sartre (1970) do exercício dessa liberdade plena, irrevogável e ilimitada decorrem três consequências diretas: a angústia, o desamparo e o desespero. Essas três consequências diretas decorrem de como o homem encara e lida com os desafios e lutas constantes que precisa enfrentar sozinho e como isso molda sua essência e suas escolhas. Tais consequências estão presentes na obra *O velho e o mar* e a partir de agora passaremos a analisá-las de maneira detalhada.

2.1 Angústia

O primeiro ponto que Sartre (1970) aborda acerca da vida humana é a angústia. A angústia neste caso ocorre porque não temos nenhuma evidência que nos aponta que estamos fazendo as escolhas certas, isto é: aquelas que nos beneficiarão. Não existem sinais que indiquem com precisão que tomando determinado caminho vamos ser bem sucedidos ou as coisas ocorrerão conforme estamos planejando.

Conforme observa Sartre (1970), alguns poderão dizer que existem sim alguns sinais que nos servirão de presságios acerca das escolhas que viermos a tomar, entretanto, até que ponto esses sinais realmente indicam a realidade? A exemplo, a história de Abraão que, movido por uma mensagem supostamente divina, leva seu único filho Isaque para o sacrifício. Que provas tinha Abraão que a mensagem fora realmente enviada por Deus? O que é Deus? E se ao invés de Deus fosse o Diabo que lhe tivesse enviado a mensagem? Que provas tinha Abraão de que, sendo Deus o remetente da mensagem, era realmente necessário o sacrifício de seu filho? E se Deus não tivesse pedido realmente a morte de seu filho Isaque, mas na verdade houvesse usado uma linguagem figurada? O fato é que Abraão não tinha – e nem poderia ter – prova de nada, era ele e apenas ele o intérprete daquela mensagem supostamente clara e supostamente vinda de Deus que lhe pedia o sacrifício de seu único filho.

O fato de não termos nenhuma prova que nos convença com real certeza de que aquele suposto sinal é realmente um sinal nos obriga a nós mesmos interpretá-lo como um sinal e, em seguida, interpretar também seu significado. Sartre (1970, p. 6) acrescenta:

Não encontrei jamais prova alguma, nenhum sinal que possa convencer-me. Se uma voz se dirige a mim, sou sempre eu mesmo que terei de decidir que essa voz é a voz do anjo; se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo que escolho afirmar que ela é boa e não má. Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares.

O principal problema dos supostos sinais é que eles não significam nada – e podem até nem mesmo existir, mas por nossa interpretação podem ganhar vida e também uma multiplicidade de significados diferentes. Pássaros cantando alegremente pela manhã podem ser interpretados como um sinal de que algo bom está para acontecer, podem indicar que fará um belo dia, com um céu de esplendoroso azul e a temperatura amena, mas também podem estar anunciando que uma tempestade se aproxima. Quem decide o que o canto dos pássaros pode significar é o homem que ouve, entretanto ele não terá prova alguma de que, em primeiro lugar o canto dos pássaros foi um sinal, e em segundo lugar que – sendo um sinal – o canto dos pássaros indica exatamente aquilo que ele supôs significar. Com base em sua interpretação o homem escolherá preparar-se para a tempestade ou para um belo dia de sol, e lidará com a angústia de não saber com certeza o que acontecerá. Infelizmente as vezes temos que reduzir a complexidade das reflexões de modo a torná-las mais didáticas, mas como diz Sartre (1970), isso não é um problema, representa até mesmo uma forma dinâmica de refletir os conceitos, por isso demos o exemplo acima.

A falta de provas que apontem com clareza e certeza a hipótese dos sinais existirem e indicarem alguma coisa sobre o futuro de nossas escolhas coloca o homem em estado de angústia, pois este sabe bem que precisa escolher para si o seu próprio futuro, e sabe também que o futuro da humanidade está em suas costas pois ele precisa ser um exemplo e precisa também estar consciente de que suas escolhas interferirão em todo o curso da história. Essa é a angústia do existencialismo.

Na obra *O velho e o mar*, é nítida a necessidade de que Santiago precisava pescar e uma série de sinais parecem existir e parecem apontar para o fato de que finalmente conseguirá pescar algo. O primeiro suposto sinal é a longa espera para pescar um peixe; o velho nunca havia ficado mais de oitenta e quatro dias sem pegar um peixe, portanto, o octogésimo dia era – supostamente – um dia decisivo. É como diz Santiago: “Oitenta e cinco é um número de sorte” (HEMINGWAY, 2013, p. 20). Outro possível sinal é o de que o velho havia dormido muito bem e acordado confiante³. O velho ainda observa outros possíveis sinais, como um cardume de peixes que se deslocou com repentina rapidez⁴ e finalmente observa uma de suas varas de pesca envergar-se violentamente, momento em que o grande peixe parece ter abocanhado a isca⁵. Todos esses supostos sinais poderiam indicar tudo, mas também poderiam não indicar nada, tudo dependia da interpretação que Santiago os daria e das decisões que escolheria tomar com base em cada um dos sinais que supostamente recebeu.

Que prova Santiago tinha de que oitenta e cinco era um número, um sinal de sorte? Fato é que nenhuma. O número de seu grande recorde, na verdade, era oitenta e sete⁶, portanto, nem Santiago e nem Manolin tinham provas concretas de que o octogésimo quinto dia traria algo de especial. Entretanto Santiago por algum motivo crê que oitenta e cinco é um número especial e decide interpretar este número como um sinal, um sinal positivo, e assim, toma a decisão de “pescar o melhor possível⁷”. Será que o número oitenta e cinco foi realmente um número de sorte? Será que se Santiago tivesse ido para mar aberto outros dias teria permanecido sem pescar nenhum peixe? Será que se Santiago tivesse pescado “o melhor possível” todos os dias, teria ainda assim ficado sem nenhum peixe? As escolhas que Santiago tomou com base em sua interpretações dos sinais que recebeu favoreceram a produção do resultado esperado; isso é certo. Entretanto Santiago não tinha constatação de que tais sinais realmente representavam um indicativo de que algo bom

³ Cf. Hemingway, 2013, p. 30.

⁴ Cf. Hemingway, 2013, p. 38.

⁵ Cf. Hemingway, 2013, p. 45.

⁶ Cf. Hemingway, 2013, p. 22.

⁷ Cf. Hemingway, 2013, p. 45.

aconteceria, ele só tinha a si mesmo em quem confiar, nenhuma prova lhe socorreu para lhe dar a confirmação de que os sinais eram realmente sinais e indicavam o que pareciam indicar. Por isso a angústia: Santiago não sabia com certeza se oitenta e cinco era um número de sorte; não sabia com certeza sequer se esse número indicava qualquer coisa, entretanto, ele mesmo deveria decidir se tal sinal era um sinal e se indicasse algo, o que estaria indicando.

Em nossa vida diária temos que constantemente tomar decisões que determinarão a constituição, a afirmação e a reafirmação de nossa essência, conforme já falamos antes. Alguns supostos sinais podem surgir pelo caminho, entretanto dependerá apenas de nós mesmos interpretá-los como sinais, e considerando-os como sinais, também devemos interpretar seus significados. Entretanto, jamais teremos a comprovação, jamais teremos certeza de que são de fato sinais e estão indicando o que realmente parecem indicar. Por isso a angústia: não temos evidência e nem certeza de nada.

O próximo conceito existencialista da vida é o desamparo.

2.2 Desamparo

Sartre (1970) observa que agimos, tomamos nossas decisões e escolhemos determinados caminhos única e exclusivamente por nós mesmos, somos os únicos autores de nosso ser. Como já viemos refletindo, somos seres essencialmente autônomos e até mesmo os condicionamentos que nos aprisionam foram em algum momento escolhidos por nós mesmos. Em todo momento temos a oportunidade de nos rebelar, mesmo que isso nos leve a profundo sofrimento ou mesmo à morte. Se escolhemos, no entanto, permanecer submetidos, estamos no pleno exercício de nossa autonomia, de nossa liberdade, liberdade de se aprisionar. O fato é que não existem outros culpados ou outros responsáveis pela constituição de nosso ser, estamos sozinhos nesta empreitada, estamos desamparados.

Não existe uma moral, não existe um dogma, não existe uma ideologia, não existe um pensamento ou sequer um sentimento que possa nos socorrer, que possa nos impelir a agir, que possa nos auxiliar em nossa constituição do ser, porque como já falamos não existem sinais no mundo, não existem provas sobre nada, não existem certezas. Nenhuma moral é inequívoca, nenhum dogma é inquestionável, nenhuma ideologia prova-se infalível; não temos provas, entretanto escolheremos seguir o que nos apraz, o que corresponde às expectativas de nosso ser. Para Sartre (1970, p. 9):

[...] não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a

agir. Vocês dirão: pelo menos, o jovem procurou um professor para pedir-lhe conselho. Porém, se vocês procurarem um padre, por exemplo, para que ele os aconselhe, vocês estarão escolhendo esse padre, e, no fundo, vocês já estarão sabendo, aproximadamente, o que ele lhes irá aconselhar. Ou seja: escolher o conselheiro é, ainda, engajar-se. A prova disso está em que, se vocês forem cristãos, dirão: consulte um padre. Existem, no entanto, padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o jovem escolher um padre resistente ou um padre colaboracionista, já estará decidindo o tipo de conselho que irá receber.

Como reflete Dostoievski (2012), se Deus não existe então tudo é permitido? Sim, tudo é permitido, até mesmo que Deus exista, pois é o homem em seu exercício pleno de autonomia escolhe constituir seu ser, submetendo-se ou não a determinado amparo moral, ideológico ou dogmático, mas ainda livre com sua autonomia para orientar suas escolhas.

Mas se tudo é permitido, qual caminho tomar? Sartre (1970) relata o caso de um jovem estudante que lhe procurou a fim de aconselhar-se sobre uma séria decisão a ser tomada. O jovem tinha que escolher entre engajar-se no exército das Forças Francesas Livres, o que o obrigaria a partir da Inglaterra para combater as forças alemãs em 1940, e deixar de ingressar nos serviços e tarefas militares para permanecer na Inglaterra com sua mãe, que já idosa contava apenas com ele para viver. Por um lado, um valor moral impelia o jovem a servir militarmente, levando em consideração que a defesa dos interesses nacionais em detrimento das forças alemãs representa um ideal nacional, patriótico. Por outro lado, o amor por sua mãe o impelia a permanecer na Inglaterra pois sabia que sua partida causaria muita dor à sua mãe. Ambos os valores não podem salvar o jovem em sua escolha de vida, até mesmo porque ambos nos parecem corretos; tanto os valores plurais de enfrentar um inimigo opressor e que levanta suas forças em invasão, quanto os valores individuais (sentimentos) de permanecer próximo de sua mãe. Portanto, qual caminho tomar? O fato é que qualquer um dos dois caminhos que o jovem tomar (ou mesmo se escolher um terceiro caminho fugindo tanto da guerra quanto de sua mãe) mesmo que pareçam mais certos ou mais adequados, de nada servem para auxiliar o jovem na constituição de seu ser, pois é ele quem escolherá por si só o que deve fazer. Assim, qualquer dos caminhos que fosse escolhido pelo jovem, seria o caminho certo e ele não poderia ser julgado por escolher um e abandonar o outro, porque o fez no exercício de sua autonomia.

Tudo é permitido, portanto, nenhuma escolha humana pode ser julgada numa perspectiva existencialista, porque nenhuma moral nos acudirá, nenhuma ideologia virá ao nosso socorro, somos o que escolhemos ser e, por sermos o que escolhemos ser, cada um corresponde com sua própria lei, com sua própria razão. Entretanto, para Sartre (1970), há

uma hipótese em que o homem possa ser julgado por suas escolhas, não numa perspectiva moral, mas sim numa perspectiva lógica. Apenas pode ser julgado aquele homem que, utilizando o discurso da liberdade, se esconde por trás de desculpas e escusas para suas paixões. Esse homem, para Sartre (1970), é um homem de má fé.

Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má fé. É possível objetar o seguinte: por que razão ele não poderia escolher-se como um homem de má fé? E eu respondo que não tenho que julgá-lo moralmente, mas defino a sua má fé como um erro. Não podemos escapar, aqui, a um juízo de verdade. A má fé é, evidentemente, uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento. (SARTRE, 1970, p. 16).

Portanto, a única questão que pesa na experiência do homem é seu dever de agir conscientemente em sua liberdade de escolher. Nada deve lhe prender, nada deve lhe vincular, pois nada pode socorrer o homem em sua liberdade de escolha. Assim, o homem deve traçar sua própria lei, escolher livremente entre quais caminhos deseja seguir apenas não deve esconder-se por trás de desculpas por suas paixões, não deve falsamente dissimular sua total liberdade, porque estará mentindo para si e mentindo para os outros, pois como já foi dito a escolha do homem corresponde à formação de seu próprio ser e também de toda a humanidade.

O desamparo que o homem enfrenta, portanto, é justamente o de ter que lidar com suas escolhas sozinho, devendo evitar driblar sua liberdade e sempre traçando sua própria lei, sem ter a certeza de nada. Para Sartre (1970), o desamparo se parece muito com a angústia, pois também evidencia a posição solitária do homem em detrimento da trilha de sua própria existência, onde nenhuma certeza, nenhuma moral, nenhuma ideologia lhe pode socorrer.

Na obra *O velho e o mar* há a perfeita ilustração do desamparo a partir do momento em que testemunhamos Santiago sozinho lutando contra o enorme peixe. Santiago passa a maior parte do tempo sem saber sequer qual peixe, ou seu tamanho, seu peso e suas capacidades, encontra-se também sozinho, sem nenhum amigo pescador que pudesse lhe dar dicas ou conselhos sobre como cansar o peixe mais rápido, ou como trazê-lo para a superfície sem o risco de a linha se partir. Quando a luta contra o peixe de fato começa, Santiago velho e debilitado, precisa tomar decisões rápidas, sem a certeza de que são as decisões corretas, mas precisa tomá-las com urgência porque o peixe está lutando, a linha pode se romper a qualquer momento, seu velho e debilitado corpo pode não aguentar a

força do peixe e em um segundo tudo pode estar perdido. Santiago encontra-se desamparado no meio do mar, sozinho a lutar contra um enorme peixe, metáfora da existência humana.

Como já abordamos acima, entendemos que a obra *O velho e o mar* é uma alegoria, sendo, portanto, recheada de simbolismos que além de interpretação literal também podem ter aplicação em nossa vida. Santiago é retratado como um homem velho, de movimentos já debilitados e corpo limitado pelo peso dos anos. Tal fragilidade, que se contrapõe à grande experiência do velho pescador, cria uma figura paradoxal que tem possibilidade de tudo fazer (por sua experiência) mas faltam-lhe as condições necessárias para tudo fazer (por suas limitações físicas), além disso, Santiago está sozinho e precisa considerar sua frágil condição de indivíduo em contraposição à enorme figura do peixe que pode muito bem arrastá-lo para dentro do mar com um simples golpe, entretanto, o velho pescador empreenderá seu raciocínio deve traçar sua própria estratégia, sua própria lei, para que saia vitorioso deste combate.

Na metáfora, Santiago representa qualquer indivíduo e a solidão do mar é a representação perfeita do desamparo; é na solidão do mar, onde nada pode nos acudir, nenhuma opinião ou conselho conseguem nos alcançar que precisamos tomar decisões e exercer nossa própria liberdade traçando nossa própria lei. Sabemos que tudo está em jogo e que qualquer escolha errada pode colocar tudo a perder; não somente nossa responsabilidade para conosco, mas principalmente nossa responsabilidade para com a humanidade. Escolher navegar para aquela região foi uma escolha precisa e autônoma que Santiago tomou, o que lhe proporcionou a pesca daquele peixe⁸, portanto, o rumo que escolhemos tomar determinará os resultados que serão colhidos futuramente. A “linha” precisa estar tencionada da maneira correta; nem frouxa demais, mas também nem apertada demais, como determinar isso⁹? Como saber se devemos enrolar um pouco a “linha”, ou se é hora para soltar um pouco¹⁰? Tudo depende de nossa própria escolha, nenhum conselho pode nos auxiliar no desamparo do mar da existência.

O terceiro conceito da existência é o desespero.

2.3 Desespero

Conforme viemos refletindo, nós somos os responsáveis pela escrita, construção,

⁸ Cf. Hemingway, 2013, p. 54.

⁹ Cf. Hemingway, 2013, p. 83.

¹⁰ Cf. Hemingway, 2013, p. 57.

afirmação e reafirmação de nossa essência e da essência de toda a humanidade. Nada pode nos amparar, nada nos indica o caminho a seguir; estamos sozinhos em nossa própria existência. Conforme Sartre (1970) observa, se estamos sozinhos em nossa própria existência e nada nos socorrerá em nossas escolhas, só podemos contar com nosso próprio esforço para a escrita de nossa essência e para arcar com nosso dever e responsabilidade frente toda a humanidade. Não podemos contar com nenhuma outra vontade, ou nenhum outro esforço que não seja o nosso próprio esforço, o que é exterior a nós mesmos é incerto, duvidoso, não confiável, portanto, não podemos contar com o que não depende de nós.

Como não podemos contar com o que não depende de nosso próprio conjunto de forças e de ações, o incerto não deve nos preocupar, não há esperança para o que não depende de nosso próprio esforço eis que a sorte está lançada e não temos o controle dos conjuntos de probabilidades que podem ocorrer. Se tomamos nosso carro e partimos em viagem rumo ao nosso objetivo não temos como ter certeza de que chegaremos ao nosso destino, vez que uma série de fatores que independem de nossa própria vontade condicionam o resultado que esperamos. O motor pode fundir, um pneu pode estourar e deixar o carro desgovernado, podemos sofrer um acidente que interrompa a viagem ou mesmo recebermos um telefonema informando de um imprevisto que exige nosso retorno sem alcançar o objetivo pretendido. Entender o conceito desespero no existencialismo implica eliminar a esperança e a expectativa nos fatores externos e/ou posteriores, futuros, que independem de nossa própria vontade, porque não temos controle sobre eles e, assim, não podemos interferir em seus resultados.

Num primeiro momento o desespero pode induzir ao quietismo, mas para Sartre (1970) não é esta a principal finalidade de se compreender o desespero. Na verdade, apesar de não termos qualquer controle sobre tais fatores externos, ainda assim devemos empreender nossas forças, tudo o que está ao nosso alcance, para produzir os resultados que almejamos; além disso não podemos fazer ou esperar mais nada. Na hipótese que pensamos de uma viagem, não podemos impedir que um pneu estoure e deixe o carro desgovernado, mas podemos revisar todos os pneus antes de viajar, assim o risco de um deles se estourar diminuirá consideravelmente. Não podemos impedir que um acidente ocorra no meio da viagem, mas podemos dirigir de maneira prudente e com segurança, diminuindo assim o risco do sinistro acontecer. Não podemos escapar aos imprevistos que porventura interrompam nossa viagem, entretanto, podemos organizar nossa agenda diminuindo assim a possibilidade que imprevistos aconteçam. Podemos lidar e depositar nossas expectativas naquilo que estamos vendo, naquilo que podemos controlar, no que está ao nosso alcance; demais a mais, não podemos “contar com mais nada” (SARTRE, 1970, p. 11). Não podemos contar com mais nada, quer seja para nos ajudar, quer seja para nos atrapalhar, o desespero – neste caso – remete ao sentido literal: deixar de esperar, deixar de depositar esperança, deixar de confiar.

Na obra de Hemingway *O velho e o mar* o desespero evidencia-se em vários momentos. Santiago não poderia determinar que um peixe seguramente morderia sua isca, era algo que transcendia a esfera de coisas que o velho pescador poderia controlar; Santiago também não poderia determinar que após pescar com sucesso o peixe retornaria em segurança para sua vila, pois o percurso de volta para casa implicaria na exposição do pescador e sua pesca a uma série de probabilidades que fugiam ao controle e ao alcance de Santiago. Também não estava ao alcance de Santiago a possibilidade de evitar o ataque de tubarões que, posteriormente, ceifaria toda sua pesca deixando-o apenas com a carcaça do grande peixe; era superior às suas próprias forças. Portanto, Santiago estava em desespero, ou seja: não depositava sua confiança no que estava além de suas próprias capacidades. É o que resta claro quando o primeiro tubarão aparece:

A cabeça do velho estava agora bem desanuviada e lúcida, e ele se sentia cheio de coragem, mas com poucas esperanças. ‘Fora bom demais para durar’, pensou ele. Olhou para o grande peixe e viu que o tubarão se aproximava. ‘Afinal, podia ter sido um sonho’, pensou o velho. ‘Não posso impedi-lo de nos atacar, mas talvez possa cravar o arpão. Mas que enorme *dentuso*. (HEMINGWAY, 2013, p. 103).

Santiago deixa claro que o desespero não implica no quietismo, ou no conformismo. Se assim o fosse, teria dito: meus esforços não adiantarão, deixe que o tubarão coma meu peixe. Entretanto, apesar de saber que não poderia impedir o ataque do tubarão, ainda assim escolheu lutar contra o animal e assim talvez até matá-lo, vingando assim a bocada de carne que o bicho lhe roubasse. O desespero implica portanto a noção de que mesmo não podendo evitar que o imprevisto ocorra, ainda assim devemos empreender nossas forças (nas quais podemos confiar plenamente) para tentar evitar, afugentar ou vingar o mal, mesmo que isso não nos devolva a bocada que foi roubada, mesmo que isso não mude a situação. Para Santiago, mesmo que a carne do seu peixe fosse estragada, mesmo ainda que lhe restasse apenas a carcaça do peixe, permaneceria lutando contra todas as ameaças, pois sua confiança estava não no incerto, mas sim em si mesmo, naquilo que lhe era possível controlar: suas próprias ações.

Na perspectiva existencial compreender o desespero significa compreender que “o homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos”. (SARTRE, 1970, p. 11). Em outras palavras, o homem constitui-se em sua essência a partir da soma de suas capacidades, aptidões e agências e a incerteza do exterior; assim, o homem é o resultado daquilo que ele faz em detrimento do que acontece por acaso. Isso significa que a forma como o homem lida com as intempéries da vida é que constituirá sua essência;

fatores externos, apesar de influenciarem a existência humana, podem ser vencidos, aplacados, contornados, amenizados. Como sugere Sartre (1970, p. 11-12),

[...] Se certas pessoas nos censuram por desenvolvermos seres pusilânimes, fracos, covardes, e, por vezes, francamente maus, em nossas obras de ficção, não é unicamente porque eles são pusilânimes, fracos, covardes ou maus, pois, se fizéssemos como Zola e declarássemos que eles assim são devidos à hereditariedade, por influência do meio, da sociedade, por um determinismo orgânico ou psicológico, todos se tranquilizariam e diriam: aí está, somos assim e ninguém pode fazer nada; o existencialista, porém, quando descreve um covarde, afirma que esse covarde é responsável por sua covardia. Ele não é assim por ter um coração, um pulmão ou um cérebro covardes; ele não é assim devido a uma qualquer organização fisiológica; mas é assim porque se construiu como covarde mediante seus atos.

Portanto, se determinado homem em sua essência é covarde, o é por escolha própria, ou seja: porque escolheu não empreender as próprias forças em lutar contra o exterior na busca pela constituição de seu próprio eu. Portanto, na existência humana, mesmo sem a certeza da vitória, mesmo sem evidências concretas que auxiliem na escolha do caminho a ser tomado e mesmo sem ninguém para nos socorrer, ainda assim precisamos empreender nossas próprias forças (aquilo que podemos esperar e confiar) para exercer nossa liberdade e constituir-nos como indivíduos e como seres humanos, não contando com nenhum apoio externo, não confiando em nenhuma moral, em nenhuma fé, não nos apoiando em nenhuma desculpa, em nenhum socorro.

Esse, para Sartre (1970) é o conceito de desespero no existencialismo e, conforme vimos, complementa o sentido dos conceitos anteriores de desamparo e angústia.

Conclusão

Santiago não pode ser visto senão como um herói, muito embora sua empreitada tenha terminado de forma trágica e claramente figurando como uma derrota. Na perspectiva existencialista, o velho pescador é a alegoria perfeita da angústia de ser o senhor de si, de ter em suas mãos o controle do curso da própria história. Ao encontrar-se sozinho em pleno mar, Santiago é forçado a tomar as decisões sozinho, não tem ninguém que lhe socorra, nenhuma voz lhe soprará orientações ao ouvido, está sozinho escrevendo e rumo da própria

história.

Também está claramente representado na obra o conceito do desamparo, uma vez que Santiago não tem certeza de nada; para o velho alguns sinais apontam que o dia da pesca é um dia de sorte, entretanto, sozinho em meio ao mar, Santiago não tem nenhuma prova, nenhuma evidência, nada lhe indica com certeza que as decisões que está tomando são as melhores decisões, ou mais certas; em alto mar, com um peixe fígado e tudo a perder, nenhuma moral pode socorrer Santiago, nenhuma fé, nenhuma doutrina, nenhuma ideologia, nada pode ampará-lo senão apenas ele mesmo. Santiago representa também o desamparo.

Finalmente, Santiago não conhece o que lhe espera no futuro, e por não o conhecer, não espera também. Ele sabe que são fatores externos, que independem de suas ações, de suas escolhas. O velho pescador sabe que no mar de possibilidades, tubarões podem atacá-lo ou não, tempestades podem se formar ou não; tudo pode dar certo, mas também tudo pode dar errado, e por isso mesmo ele não deposita sua confiança nos fatores externos, mas sim em sua experiência como pescador, em suas débeis, mas habilidosas mãos, confia nas ferramentas que tem disponíveis para agir em defesa de sua autonomia, em defesa de seus próprios interesses.

Santiago representa um herói existencialista porque apesar de sua derrota exerce com maestria a autonomia e liberdade de que é portador, ele não depende de auxílios exteriores para confirmar suas decisões, não confia suas escolhas à recursos morais, a dogmas ou ideologias, mas tão somente em sua experiência, em sua própria agência, em sua própria noção de ser. Santiago é um herói porque é livre e mesmo enfrentando tão grande derrota não perdeu sua essência, portanto, não deixou de lutar mesmo contemplando o iminente fracasso, não deixou de ser um pescador.

O velho pescador, personagem de Hemingway em *O velho e o mar*, não se acovarda e nem perde em qualquer momento o controle de sua própria vida. Apesar do imprevisto ataque de tubarões, defende até o fim seu tão almejado peixe, portanto, não se acovarda, mesmo sabendo de suas limitações físicas e escassez de ferramentas, ele representa de forma evidente o homem livre, o homem que luta por constituir sua essência e compreende a responsabilidade que tem com a humanidade e mesmo no fim de sua desventura, enquanto outros ergueriam as mãos em desespero e clamor por misericórdia, o velho repousa tranquilo e sonha com leões¹¹, porque sabe que é o único responsável por sua própria história, nada mais pode auxiliá-lo, ninguém mais irá socorrê-lo, apenas ele, Santiago, é senhor de si.

¹¹ CF. HEMINGWAY, 2013, p. 126.

Referências

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34. 2012.

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 78. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil. 2013.

HIEDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 10. ed. São Paulo: Vozes. 2017.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. L'Existencialisme est um Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970. Disponível em: http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/-1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf. Acesso em: 07 fev. 2019.

MARIA EUGÊNIA CURADO

Licenciada em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina, Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente do PPGIELT – Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9079675234062860>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7737-210X>

E-mail: curadoeugenia@hotmail.com

GABRIEL JOSÉ DA SILVA NETO

Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica), mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. Aluno do PPGIELT – Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5918964061410220>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6139-6350>

E-mail: gabrieljsn@hotmail.com